

Wagner em Bayreuth



Por **ERNANI CHAVES***

Comentário sobre a quarta “Consideração extemporânea” de Friedrich Nietzsche

“Integralmente guerreiras”. Foi com esta expressão, contundente, incisiva, que Nietzsche caracterizou, no *Ecce homo* (1888), o conjunto de suas quatro *Considerações extemporâneas*, escritas e publicadas num curto espaço de tempo, entre 1872 e 1875. Com elas, continua, ele teria provado não ser um romântico “João sonhador”, mas alguém que tem prazer na contenda, que se diverte ao “desembainhar a espada”.

Entretanto, Nietzsche separa, cuidadosamente, o espírito dessa luta, tal como se apresenta nas duas primeiras e nas duas últimas *Extemporâneas*. Naquelas, trata-se, desde o título, de um ataque frontal, seja contra os descaminhos da cultura alemã, por meio de uma severa crítica a David Strauss, seja contra o “sentido histórico”, reconhecido como uma doença, como a intromissão da barbárie em meio à cultura. Nestas, por sua vez, o combate contra esses mesmos aspectos se realiza por meio de duas “imagens” de dois tipos extemporâneos *par excellence*, Schopenhauer e Wagner. Para acrescentar, logo em seguida, que essas imagens, esses tipos remetem a um só, nem a Schopenhauer, nem a Wagner, mas a ele mesmo, Nietzsche.

Se tomarmos essas observações não apenas como o conhecido efeito de uma “recorrência” que julga a obra pretérita pelo estado do pensamento no presente, mas como uma leitura atenta e arguta que Nietzsche faz de seu próprio percurso intelectual, então podemos fazer uma leitura de *Wagner em Bayreuth* que escape do lugar-comum segundo o qual este texto constituiria em seu cerne um elogio, uma espécie de ponto culminante da “idolatria” de Wagner por parte de Nietzsche ou ainda, a maior de todas as homenagens que Wagner recebeu em vida.

Nesta perspectiva, o rompimento de Nietzsche com Wagner é atribuído a uma única causa: ao cristianismo do *Parsifal*. Mais ainda: que as críticas posteriores são efeitos retóricos, expressões do ressentimento do próprio Nietzsche, o músico frustrado, de tal modo que a preferência pela *Carmen* de Bizet é atenuada, desqualificada até, em todos os planos nos quais ela se coloca, sobremaneira no plano musical.

Isso não significa que o elogio, a exaltação à figura de Wagner, ali comparado a Ésquilo, a Heráclito, não exista ou ainda, que o projeto-Bayreuth não tenha também seduzido e fascinado Nietzsche como a possibilidade de uma renovação (bastante conservadora em alguns aspectos!) da cultura alemã por meio da aproximação entre arte e vida ou ainda entre música e drama. Não por acaso Schopenhauer e Wagner são considerados como “imagens” e “tipos”, alguns poderiam dizer como “personagens”, havendo quase uma solicitação de Nietzsche para que leiamos as duas últimas *Extemporâneas* como se formassem uma única obra.

É por considerar Wagner, antes de tudo, como uma imagem e um tipo que Nietzsche pode transitar com desenvoltura da vida à obra e da obra à vida sem sucumbir nem ao psicologismo (ao contrário do que pensava Adorno algumas vezes) nem ao relato biográfico meramente cronológico e ilustrativo. É apenas como figura e tipo que Nietzsche pode falar de uma “verdadeira vida de Wagner, na qual se revela pouco a pouco o dramaturgo ditirâmico”. E essa “verdadeira vida” não é, de forma alguma, uma espécie de suma entre talento e genialidade, elevação moral e sublimidade artística, mas “uma luta incessante consigo próprio”, pois Wagner mesmo abrigava as contradições denunciadas por sua música e seus escritos teóricos.

Qual a tentação de Wagner, uma tentação que sempre o acompanhou? Aquela, responde Nietzsche, que se expressa numa “sombria vontade pessoal de *poder e glória*, ávida e insaciável”. Uma espécie de atração fatal pelos efeitos que o drama pode alcançar. Daí a premente necessidade de continuar nas sendas abertas por Beethoven, mas que este não seguiu até o fim, ou seja, de insistir muito mais na paixão, no *pathos*, do que no *ethos*. Foi apenas o cristianismo do *Parsifal* que afastou Nietzsche de Wagner ou também o reconhecimento de que a ultrapassagem de Beethoven não se efetivou plenamente, tal como ele, Nietzsche, o desejara? Não foi este o passo adiante de *Carmen*, a despeito dos wagnerianos de ontem e de hoje?

Do meu ponto de vista, a necessária leitura de *Wagner em Bayreuth* fica muito mais interessante na medida em que o texto deixa de ser visto apenas como uma espécie de canto do cisne da “metafísica de artista”, que conduziu de início o pensamento de Nietzsche, mas também como um texto que se encontra no limiar, numa espécie de passagem que nos

conduz com alguma segurança aos outros caminhos que Nietzsche, nesta mesma época, já está trilhando em seu pensamento. E se houve algo em Wagner que Nietzsche de fato invejou foi, sem dúvida, o estilo, em especial o do escrito sobre Beethoven. *Wagner em Bayreuth*, no entanto, mostra, da primeira à última linha, que esta inveja não tinha mais razão de ser.

Publicado originalmente no Jornal de Resenhas, nº. 3, julho de 2009.

***Ernani Chaves** é professor titular da Faculdade de Filosofia da UFPa. Autor, entre outros livros, de *No limiar do moderno (Pakatatu)*.

Referência

Friedrich Nietzsche. *Wagner em Bayreuth*. Tradução: Anna Hartmann Cavalcanti. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 180 págs.